ANO 11.º — Sexta-feira, 13 de Dezembro de 1918 — Numero 551

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional*, R. de Arnelas—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

Anedotas da guerra

Devem ser por muitas dezenas de milhares as que hão-de agora, no remanso da paz, surgir de toda a parte, a animar e a desanuviar com um sorriso de graça, a proposito de um incidente de espirito, as longas descrições individuais que vinte milhões de combatentes vão levar, como dolorosa recordação, para o cantinho dos seus lares, para a conversa animada e tristemente dolorosa da sua odisseia nessa sangrenta luta de quatro anos, que pesou, como castigo, sobre quasi metade do mundo.

Anedotas! Quantas? Quantas que já correm mundo e quantas mais vão surgir das impressões pessoais dos combatentes, nas memorias dos militares escritores, nas descrições dos correspondentes de guerra!...

Quantas! Quantas!

Umas que hão de ferir, talvez, por uma nota sentimental, por um rasgo de ternura, quiçá de amor; outras pela sua feição humoristica, por um dito de espirito, a tempo, quem sabe se soltado mesmo por um desses espiritos irreverentes, incapazes de tomar a sério os momentos mais solénes, num desses mesmos momentos em que jogava com indiferença a propria vida! Se ele havia já tantos exemplos!

E o que é o heroismo, senão essa estoica indiferença pela vida ou pela morte, senão essa audacia, esse atrevimento, essa temeridade que, quantas vezes inconscientemente, leva aos maiores assombros quando podiam, por uma circunstancia furtuita, levar a uma catastrofe!?

* * *

Quando os alemães ocupavam Bruxelas, tomaram os milhares de pombas vádias que enxameiam na capital da Belgica, como em Veneza, como pertencentes a pombais militares e ordenaram uma caçada feroz ás inofensivas e simpaticas avesinhas.

Um belga que, ao que parece, tinha tanto de espirituoso como de generoso, encontrando um dia um grupo que atirava desapiedadamente aos pobres volateis, dirige-se a ele e, exprimindo-se correctamente em alemão, disse-lhe:

— Os senhores, afinal, foram enganados. Estas pombas não são pombos-correios que sirvam para comunicações com o inimigo. Tenho fundadas suspeitas de que os belgas tem um outro meio de comunicação com eles, especialmente com Antuerpia. E' por meio dos peixes!

— ?!!!

— E' o que lhes digo. No Palacio da Justiça ha um grande tanque com enorme quantidade de peixes ensinados. Esse aquario liga por um grande cano subterraneo com Antuerpia e quando os belgas querem comunicar com o inimigo, atam á cauda dum desses peixes um pequeno tubo com a comunicação, põem o peixe no alçapão que dá para o canal subterraneo e momentos depois o animal é apanhado no tanque de Antuerpia com o comunicado são e salvo.

Os nossos *boches*, assombrados com a inconfidencia do sujeito, que julgaram, certamente, ser um dos numerosos espiões que a Alemanha espalhára na Belgica, partem á desfilada comunicar a grande descoberta á *Kumandantur*, enquanto as graciosas pombinhas, livres momentaneamente dos seus perseguidores, continuavam na rua, debicando aqui e ali, em busca de refeição.

Humberto Beça

Um atentado

Contra o sr. Presidente da Republica, que saía, cêrca das 12 horas da ultima sexta-feira, do Comando Central de Defêsas Maritimas, onde fôra galardoar alguns marinheiros portuguêses que se distinguiram num renhido combate sustentado no mar, nas alturas dos Açores, pelo caça-minas *Augusto Castilho* e um submarino boche, teve um fedelho qualquer, de 16 anos, a petulancia de apontar um revolver, decerto avariado, visto as balas não terem partido, apezar de picados tres fulminantes, dando o gesto do mariola logar a que imediatamente o prendessem e encerram-se num calabouço, até que preste contas a quem de direito.

Chama-se o rapazote Luiz Maria Baptista, filho do comerciante José Maria Baptista, que fez parte da ultima vereação democratica de Lisboa, e estava filiado no grupo Mocidade Republicana, passando por ser um desiquilibrado, talvez mais digno de comiseração do que doutra coisa.

Pela nossa parte—está claro—fazemos côro com todos os colégas da imprensa que verbéram o acto de Luiz Baptista, protestando contra a vilêsa do seu procedimento. Portugal precisa de se afirmar como paiz civilisado e a politica republicana tem de inspirar-se noutros principios que não sejam caracterisados pela desordem permanente donde se géra o crime, pondo em constante alvoroço a sociedade e em perigo a independencia da nação.

Folgâmos, pois, com que o sr. dr. Sidonio Paes tivesse saído ileso do atentado e associâmo-nos aos cumprimentos que, por esse facto, lhe estão sendo dirigidos de toda a parte.

* * *

Segundo lêmos na imprensa da capital, as autoridades, pelos interrogatorios e averiguações feitas, estão na posse de importantes elementos, que as habilitam a considerar o atentado, não como um facto espontaneo e isolado, mas como a consequencia de um plano ponderadamente meditado.

E' assim que, as referidas autoridades, teem já conhecimento de que no estabelecimento do pai do criminoso se realisaram várias reuniões em que o atentado foi resolvido e votada a morte do snr. Presidente da Republica, achando-se envolvidos no caso vários individuos, dos quais foram presos mais 7.

A iluminação publica

UM POSTAL

O correio de ante-ontem trouxe-nos o seguinte postal, cujo conteúdo trasladamos *ipsis verbis*:

Meu caro amigo:

Já agora está V. feito o pião das nicadas para estas coisas, visto que *no hay* quem com taes *ninharias* se importe, apezar da abundancia de jornaes e jornalistas que por todos os lados surgem.

Ora a *ninharia* a que me refiro é esta simples coisa: uma devotada, patriotica e inteligentissima vereação deixou que lhe tirassem a luz, a canalisação, os candieiros, tudo! A actual vai para seis mezes que está montando 15 candieiros que, embora se não possam acender quando justamente são mais precisos—em noites de chuva e temporal—só conseguiu até hoje fazer funcinar cinco ou seis que... já voltaram a não se acender!

Póde dar alguma informação sobre este *beneficio* dispensado aos ditosos municipes, que continuam ás cabeçadas por essas ruas?

Muito agradece

Um cidadão

Já aqui aludimos, crêmos que mais duma vez, á montagem da iluminação que, sem duvida, entrou no campo da autentica troça não só ao municipio, como a toda a cidade, que se vê forçada a sujeitar-se a estas contingencias indiscutivelmente vergonhosas. De duas uma—ou se ultimam todos esses trabalhos ou não, rescindindo-se o contrato, se o ha, e encarregando alguem que se comprometa a concluí-lo o mais breve.

Vâmos. Decida a Comissão Administrativa, mas decida com energia, como lhe compete.

As subsistencias

O açucar, o pão e o petroleo

Como dissémos num dos ultimos numeros, a autoridade militar deixou de superintender na regularisação do fornecimento e venda das subsistencias, caducando por tal motivo todas as deliberações por ela tomadas, algumas, sem duvida, acertadas, pondo côbro aos desaforos inauditos e á ganancia insaciavel de quantos estão no caso de os praticar.

A resolução da autoridade militar coincidiu com a nomeação do *chefe das subsistencias* do distrito, nomeação que recaíu na pessoa do snr. Afonso Perdigão, veterinario, que até agora, porém, embora saibâmos ter bastante trabalho delineado e assente, em harmonia com as suas novas funções, ainda não fez aparecer á luz a mais insignificante medida e até mesmo uma simples tabela de preços reguladora, de fórma a evitar os abusos, o latrocinio, o descarado roubo que novamente surge por toda a parte numa persistencia aterradora que o consumidor não póde tolerar.

O que se passou com a ultima distribuição de assucar; o que se está fazendo com o pão; a roubalheira na venda a retalho do petroleo, tudo isso e tudo o mais para o que não chegariam as colunas do *Democrata*, está pedindo uma reacção benéfica e depurativa por parte dos explorados, visto que se acham entregues nas mãos de todos esses ladrões—que não teem outro nome—que se não cançam de assaltar-nos a bolsa.

A carta que abaixo publicâmos poupa-nos a descrição minuciosa dos factos a que ela alude, alguns dos quaes dão bem a nota da consciencia dos seus autores:

... Sr. Redactor:

Tem sido *O Democrata* o unico jornal que de ha muito, numa persistencia que apenas o dignifica, não se cança de pedir, indicar, sugerir medidas tendentes a evitar toda a casta de abusos, ladroeiras e violencias que impunemente se veem praticando nesta cidade, contra o depauperado bolso de todos nós.

Nestas condições, eis o motivo porque venho trazer ao conhecimento de v. os abusos e as ladroeiras que ultimamente foram feitas por algumas mercearias, ás quaes foram fornecidos sacos de açucar para a venda ao publico.

Principia porque o celeiro municipal não fez publica a data dessa distribuição, e assim um grande numero de familias não conseguiu receber uma só grama de açucar, porque, quando dela teve conhecimento, já se tinha esgotado em toda a parte.

Depois o celeiro distribuiu sacas por todas as *chafaricas*, que não teem a classificação de mercearia, resultando que só uma pequenissima quantidade coube aos estabelecimentos, que em verdade merecem esta designação, e que por isso mesmo teem uma numerosa clientela.

As *chafaricas* referidas, arrecadando parte desse açucar, distribuiram-no depois, com vagar, havendo menino que abichou logo o **correspondente ás quatro senhas destinadas a todo o mez!**

Este processo foi empregado por muita parte, resultando que enquanto os beneficiados arrecadavam quatro e cinco quilos, os desprotegidos não conseguiam uma grama sequer de tal substancia, sendo certo, sr. Redactor, que muitas senhas teem *duplicado* o numero de pessoas de familia.

Podemos indicar uma, que sendo constituida por cinco pessoas, tem nas suas senhas—doze—e todavia a regedoria autenticou a veracidade da declaração!

Houve até um *doutor*, que em tempos idos desempenhou funções administrativas-policiaes, alternadas com a medição, na tasca, de *marquezes* e decilitros de aguardente para os seus proprios subordinados, que teve agora a genial ideia de satisfazer as senhas apresentadas, não por a quantidade

PELA IMPRENSA

"Gazeta de Arouca,,

A este hebdomadario republicano democratico que, sob a direcção inteligente do dr. Angelo Miranda, se publica na historica vila donde tira o nome, endereçâmos sinceras e cordeaes felicitações pelo novo ano encetado a 2 de novembro ultimo.

Sômos talvez dos derradeiros a cumprir este imperioso dever a que obriga a bôa camaradagem mantida através os oito anos decorridos, mas a razão, o motivo pode-lo-á o presado colêga procurar nontra parte que não no esquecimento, como provado fica, esperando apenas que a *Gazeta de Arouca* nos absolva de tão serodios cumprimentos.

Amiguinhos...

Em tempos que ainda se não perdem na voragem dos seculos, não houve amizade mais afetuosa do que a dos srs. Moreira de Almeida e Cunha e Costa. Pois tudo mudou, como se vê por estas amostras do *Dia*:

> O sr. Cunha e Costa, que continua a desempenhar-se activamente da sua velha função politica de *mulher a dias*, passou recentemente uma vez mais, como se sabe, para o serviço da Republica, mas vai fazer os esfregados aos católicos.

Que se limpe a este guardanapo o grande monarquico-republicano-catolico-socialista...

Em liberdade

Mais um, dos nossos, que acaba de se desprender dos élos em que foi envolvido por virtude dos ultimos acontecimentos politicos.

Silverio da Rocha e Cunha, o brioso oficial da Armada, que, com tanta competencia e rectidão, evidenciadas a cada passo, exercia as funções de capitão do porto de Aveiro, está já em liberdade visto como, não tendo tido a mais leve intervenção nos sucessos de outubro, mal se compreendia que lhe assacassem responsabilidades, conservando-o sob custodia.

Cumprimentâmos vivamente o nosso amigo.

Viagem presidencial

Deve passar no domingo por esta cidade, em direcção ao Porto, o sr. dr. Sidonio Paes, que ali demorará, segundo consta, até quarta-feira.

O norte prepara-lhe festiva recepção.

Será verdade?

Do *Seculo*, de segunda feira:

Dizia-se ontem que o chefe do Estado chegára a assinar um decreto de ampla amnistia, mas que a sua publicação foi sustada por motivo do atentado de sexta feira ultima.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Osorio*.

Como assim?

Um telegrama de Madrid, dado á estampa na imprensa diaria, diz que Maximo Gorki vai publicar um manifesto dirigido a todo o mundo, protestando severamente contra a intervenção dos aliados em assuntos do interior da Russia.

Mas então Gorki morreu ou não morreu? Que raio de trapalhada é esta?

Teatro Aveirense

Anunciam-se para os dias 18 e 21 dois espectaculos por amadores desta cidade, revertendo o produto, respectivamente, em beneficio das benemeritas instituições Cruz Vermelha e Hospital de Aveiro.

A peça escolhida é a sensacional comedia policial americana em 3 actos e 4 quadros *20:000 dollars*, encontrando-se a inscrição desde já aberta na *Casa da Costeira*, provisoriamente instalada debaixo dos Arcos.

Juri Comercial

Eis os nomes dos cidadãos sorteados e que hão de intervir nos julgamentos a efectuar no proximo ano de 1919:

1.ª pauta

Antonio Manuel da Silva, Francisco Porfirio da Silva, Luiz da Cruz Moreira, Alberto João Rosa, Manuel Evaristo de Albuquerque, Joaquim Dias Abrantes, José Gonçalves Gamelas, Manuel Fernandes Lopes, Joaquim Ferreira Felix, dr. Jaime Duarte Silva, Alberto Ferreira Pinto Basto, José Augusto Ferreira, Francisco Pinto de Almeida, Tobias da Costa Pereira, dr. Cherubim da Rocha Vale Guimarães, Manuel Lopes da Silva Guimarães, Luiz de Pinho das Neves, Acacio Manuel Larangeira, Viriato Simões Teles, João da Cruz Bento e Antonio Ernesto Souto Ratola.

2.ª pauta

Manuel Vitorino dos Santos, Artur da Rocha Trindade, Manuel Migueis Picado, Inácio Marques da Cunha, José do Nascimento Ferreira Leitão, dr. José do Vale Guimarães, Francisco Migueis Picado, Manuel Barreiros de Macedo, Antonio da Cruz Bento Junior, Francisco Ventura, Antonio Vilar, Antonio Henriques Maximo Junior, Manuel Francisco Atanazio de Carvalho, Domingos Martins Vilaça, Manuel dos Reis, Antonio Maria Ferreira, Manuel Tomaz Mostardinha Junior, Ricardo da Cruz Bento, Ricardo Pereira Campos, Manuel Ferreira e Alfredo Osorio.

nelas indicada, mas na proporção que ele, de momento, resolvia.

De fórma que, acusando as senhas em seu poder uma determinada quantidade vendida, ela não atingia, porêm, metade, porque o resto ficava para ser vendido nos dias seguintes a esc. 1$60 ao quilo.

Um honrado lucro que o benemerito merceeiro—pedra de toque do honrado comercio local—arrecadava com a tranquilidade de espirito que traz sempre a pratica dum acto justo e bom.

Cremos que a autoridade tem conhecimento de tudo isto, mas o que não cremos, sr. Redactor—e isso tem sido um dos nossos peores males—é que aos culpados se lhes aplique as disposições do respectivo Codigo Penal, aliás tão explicitas, claras e concludentes.

E o pão, sr. Redactor, o pão que se está vendendo com um descaramento inaudito, do qual nunca se sabe o pezo, o preço, nem cousa nenhuma que possa ilucidar o comprador sobre a grandeza da ladroeira de que está sendo vitima?

Uma frase dum moço que me fornece o pão define perfeitamente o gráu de extorsão a que estamos sendo submetidos.

Ha dias, dizia-me ele ao depositar no fundo dum cêsto, aliás bem pequeno, doze pãesinhos para meninos:

— Neste andar, vejo que terei mais tarde ou mais cêdo de chegar ás portas dos freguezes receber o dinheiro e ir-me embora!

E de facto assim parece que sucederá. O pão cada vez mais diminue na proporção do barateamento do trigo. Mas se fôrmos interrogar as padarias, logo surgem a seu modo dezenas de razões justificativas de tamanha extorsão, que brada aos céus, admira-nos que todos continuem de braços crusados, esperando apenas que seja uma realidade o vaticinio do moço do padeiro.

Providencias, providencias a pôr côbro a tamanha ladroeira, a tamanha pouca vergonha!

Com *o* petroleo é o mesmo. Para venderem pelo preço estabelecido, como não dá o lucro desejado, o que fazem? Roubam descaradamente na medida de fórma que num litro ou nos submultiplos pedidos, dão de menos a quantidade que corresponde a 2 e 3 centávos no preço do litro.

E não ha quem ponha termo a isto?

Termino, que esta vai longa, instando para que v. não abandone tão importante assunto que a todos nós diz respeito.

Falta muito que mencionar, mas ficará para outra vez.

Muito agradece, o que é

De v., etc.,

10—12—1918.

F. S. de C.

Por esta carta avalia o leitor o que se deu de irregular e iniquo com a distribuição do açucar.

O que se está dando com o pão, com o petroleo e com tudo, enfim, que carecemos e que por isso mesmo nos estão submetendo ás maiores barbaridades.

E contudo, vemos, na imprensa, que por muitas outras partes, tudo mais ou menos se regularisa apenas com a decidida bôa vontade de quantos se empenham para tal fim. Exemplo:

Vizeu, 5—Tem chegado muito arroz, açucar, feijão, grão e peixe ao celeiro municipal, bem como trigo e milho, sendo o concelho de Vizeu o melhor abastecido do paiz, devido aos inexcediveis esforços da direcção do celeiro, presidida pelo sr. dr. José Julio Cezar.

Pois aqui temos: celeiro, chefe de subsistencias, fiscaes, temos tudo e tudo continua na mesma para edificação de nós todos e gaudio dos que vão enchendo as algibeiras, sem o perigo sequer de lhe quebrarem uma costela.

NECROLOGÍA

Surpreendeu-nos a noticia do falecimento de Daniel de Melo, o desditoso moço que o pezo duma desgraça, causada pelo desiquilibrio do seu doentio espirito, atirára para o interior dum manicomio.

Essa morte, contudo, foi o *terminus* do martirio em que vivia o infeliz, que, para cumulo do seu infortunio, tinha longas horas de perfeito conhecimento da sua situação, tornando-lhe ainda mais torturante a existencia.

Daniel de Melo, apóz a frequencia de alguns anos no liceu desta cidade, principiou indicando a alteração das suas faculdades. Proibido de estudar, dedicou-se ao comercio, carreira que teve tambem de abandonar por esse mesmo motivo. Os ultimos tempos da sua existencia decorreram entre uma crescente agitação denunciadora do agravo da terrivel enfermidade, que o levou até ao Brazil, sendo por ocasião do seu regresso, que, numa crise mais violenta, a alucinação o fez praticar o acto, que teria sido um crime, se não fôra uma inconsciencia de demente.

A sua existencia decorria, pois, num cemiterio de... vivos, e para viver assim, a morte, em taes casos, é uma libertadora, é um lenitivo, embora cruel, para o sofrimento humano.

A vida de Daniel de Melo, póde definir-se como a daquelas flôres que, desabrochando em botão, e deixando antever a beleza das suas petalas e a suavidade enebriante do seu aroma, uma rajada sêca e dura de violento e inesperado vendaval, queima e destroe, lançando-as por terra.

Enquanto o coração do pobre moço teve a luz suprema do espirito, iluminando-o e aquecendo-o, ele foi o filho, o irmão e o amigo modelar e generoso, afavel e dedicado.

No livro do seu destino, porêm, estava escrita a fatal sentença. Ela cumpriu-se na grandeza esmagadora de toda a sua crueldade!

Tinha 24 anos—uma creança!

A seus paes e irmãos a sentidissima expressão do nosso profundo e sincéro pezar.

* * *

Por comunicação expedida de Lisboa, sabe-se ter ali falecido no manicomio onde se encontrava internado, o snr. Manuel Tavares Barbosa, de 65 anos, viuvo, antigo mestre de obras da Câmara desta cidade, ha muito privado das suas faculdades mentaes.

Foi sempre um caracter honesto e homem de bem, até que a fatalidade lhe apagou a compreensão dos seus deveres.

* * *

Faleceu na semana finda a sr.ª D. Ana de Souza Marques, estremecida mãe do nosso bom amigo Viriato Fernando de Souza, secretario da Junta da Barra.

* * *

Sucumbiu aos estragos de uma tuberculose pulmunar, na ultima segunda-feira, o sr. João Augusto Ferreira da Silva, solteiro, de 25 anos, fiscal da Câmara.

O falecido era um excelente moço, muito apreciado pelas suas qualidades. Era sobrinho do antigo e conceituado industrial desta cidade, snr. Domingos Valente de Almeida.

A todas as familias doridas o nosso sentimento.

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 11

Póde para todos os efeitos considerar-se extinta a epidemia que ultimamente aqui grassou, como, de resto, em todo o paiz, sendo-nos grato constatar os poucos obitos a que deu logar na freguezia da Oliveirinha, onde apenas se fizeram uma duzia de enterramentos, se tanto.

E' caso para erguer as mãos ao céo.

—— Quasi por completo restabelecido da gráve enfermidade que o teve ás portas da morte, passou na segunda-feira pela Costa e deu-nos o prazer do seu abraço, o nosso bom amigo Francisco Valerio Mostardinha, filho do abastado proprietario de Nariz, snr. Adelino Valerio.

—— Por informações, sabemos que tambem vai em via de restabelecimento o bemquisto cidadão de Aguas Bôas, José de Barros, contra quem ha tempo foi disparado um tiro de espingarda que lhe ia arrebatando a vida.

Ambos foram tratados dedicadamente pelo nosso ilustre conterraneo e primoroso clinico, snr. dr. Abilio Marques, que os não abandonou um só momento nas horas incertas que atravessaram, motivo porque, felicitando os seus dois clientes, o felicitâmos egualmente a ele pelos novos triunfos alcançados na sua já longa carreira scientifica.

—— Consta-nos que este ano se prepara festa rija ao S. Tomé, no proximo dia 22, devendo as promessas de pés de porco exceder talvez as dos anos anteriores, devido á doença não ter poupado esses animaes de vista baixa.

Aviso aos amadores.

—— No fim da outra semana e principios desta, choveu torrencialmente com o que a lavoura se mostra satisfeita. Os poços já vão produzindo a agua que lhes faltava e se assim continua o tempo, dizem que o ano agricola não póde ir melhor principiado.

—— Entre a gente mais culta da freguezia, discute-se, dia a dia, a marcha dos acontecimentos que se estão desenrolando, tanto externa como interiormente, sendo, no geral, reprovados com acrimonia os actos politicos daqueles que conduziram o paiz ao cáos em que se encontra.

E lembrar-nos nós de tantos que tinham as suas esperanças postas na Republica!

Que dirão eles agora?

C.

Por Moçambique

O SULTÃO DO MOSSURIL em cheque e á prova

(*)

A CAMINHO DA MORALIDADE?

Governo do Distrito de Moçambique—Secretaría Civil—N.º 41.

Exm.º Sr.

Sua Ex.ª o Governador, tendo tomado conhecimento do seu pedido de inquerito á Edelidade de Mossuril, encarrega-me de lhe pedir para apresentar os elementos indispensaveis que justifiquem o referido inquerito.

Saúde e Fraternidade.

Secretaría Civil do Governo do Distrito de Moçambique, 5 de Novembro de 1918.

Ao Ex.mo Sr. Anibal de Carvalho.

O secretario interino do distrito,

(a) **L. M. Blanc Melicio**

Ex.mo Sr.

Respondendo ao oficio de V. Ex.ª n.º 41, de 5 do corrente, tenho a dizer o seguinte:

Os factos por mim apontados na Moção que apresentei no Conselho do Distrito, e que integralmente consta da acta da respectiva sessão, parecem-me suficientes para determinar uma investigação rigorosa.

Essa investigação, inquerito ou sindicancia, como queiram chamar-lhe, pois que são termos equivalentes, quando feita imparcialmente e com rigor, hade, com toda a certeza, averiguar outros não menos irregulares.

Sabe-se publicamente e nem ele o pretende ocultar, que o encarregado da Edelidade de Mossuril, ex-capitão-mór e actualmente comandante militar da mesma região, major José Augusto da Cunha, e, como *socio*, o administrador gerente das propriedades da *Sociedade Agricola de Moçambique*, que ultimamente tem adquirido, por seu intermedio, grande numero de propriedades na raferida povoação de Mossuril e seus suburbios.

Essas propriedades teem sido limpas e cultivadas pelos presos do comando militar e antiga capitania, sob a vigilancia de cipaes e outros empregados do comando ou da Edelidade, porque é dificil saber-se o que pertence a uma ou a outra das aludidas entidades.

Nas mesmas propriedades teem sido feitas obras com materiaes e pessoal tambem da Edelidade e do comando ou capitania.

Foi construido, nessas condições, um muro de alvenaria nas referidas propriedades, junto á praia, e do mesmo modo lá foi aberto um poço por conta da Edelidade.

Recentemente foi aberta e macadamisada uma rua das propriedades, e está nela sendo radificada uma casa com o trabalho dos presos, sendo a pedra e a cal necessaria extraída numa propriedade particular do Lumbo, por pessoal do comando sob a direcção de um soldado europeu, e conduzidas nas lanchas da Edelidade.

Várias parcelas de terreno em Mossuril, que sempre foram considerados como pertencendo á Edelidade ou ao Estado, estão hoje na posse do referido oficial ou da Sociedade que ele representa, porque só ele é que tem procedido ás respectivas demarcações.

Pelo mesmo motivo alguns particulares se queixam tambem de terem sido prejudicados nessa divisão.

O proprio estrume dos gados da Edelidade e do comando é empregado nas propriedades em questão.

A Edelidade possue bons palmares, cujo rendimento nunca entrou nos cofres.

A casa destinada á escola da Edelidade e por esta recentemente construida, tem servido e serve actualmente de residencia a individuos extranhos e nos respectivos orçamentos nunca apareceu a importancia das rendas.

No Mossuril teem sido efectuadas muitas obras, na importancia de alguns milhares de escudos, e nunca, que conste, a respeito delas se deu cumprimento ao disposto nos artigos 426.º e 427.º do Cod. Adm., nem foi pedida a dispensa da hasta publica.

Muitos outros factos irregulares se passam e teem passado na administração das terras de Mossuril, que indispensavel se torna inumerar.

Mas os referidos julgo serem bastantes para, como fica dito, determinarem urgentemente um rigoroso e amplo inquerito á mesma administração. Esse inquerito, quando feito nas condições referidas, esclarecerá o resto.

Pede-me V. Ex.ª de ordem de Sua Ex.ª o Governador, elementos que justifiquem o inquerito.

Eu julgo que S. Ex.ª não quer exigir de mim a prévia demonstração de verdade nas acusações que faço; nesse caso, desnecessario seria já fazer-se o inquerito.

Entretanto, eu algumas provas poderia efectivamente apresentar se houvesse algum meio de compelir a referida Edelidade a fornecer-me diversas certidões que lhe requeri em 23 de junho ultimo, e pelas quais tenho baldadamente insistido.

Mas não consigo obte-las, ou porque essas certidões quando passadas com verdade seriam já a propria condenação do respectivo encarregado, ou simplesmente porque este as não quer mandar passar.

Já me foi dito que não existem elementos para satisfazer ao que eu requeri.

Se tal alegação é verdadeira, mais se justifica a necessidade do inquerito.

Em conclusão: a vida do faustoso dispendio que todos admiram no major Cunha, a sua frequente permanencia nesta cidade, com manifesto e reconhecido prejuizo dos serviços a seu cargo, pois não é raro terem por isso os particulares de ir lá repetidas vezes para tratar de qualquer assunto, a acumulação das suas funções publicas com os de *grande proprietario* local e *administrador* de uma Sociedade que na área da sua jurisdição tem importantes interesses, tudo isto me parece que necessita de ser esclarecido em homenagem ao processo administrativo da Republica e como satisfação aos justificados murmurios da opinião publica honesta, que, lealmente aqui o digo a V. Ex.ª, já começa a estranhar que, apóz tão gráves acusações formuladas oficialmente, o referido funcionario continue ainda não só no exercicio das suas funções, mas até a sindicar outros funcionarios sobre quem pesam acusações menos gráves!

E' quanto por agora se me oferece dizer, acrescentando, contudo, que me comprometo a indicar testemunhas e alguns outros pormenores á comissão que vier a ser nomeada para proceder á sindicancia, logo que para esse fim seja chamado perante ela.

De S. Ex.ª o Governador, que de inconcussa honestidade, energia e recta administração da justiça tem dado sobejas provas, confio absolutamente que afinal serão tomadas as necessarias providencias para o apuramento da verdade.

Saúde e Fraternidade.

Moçambique, 6 de Novembro de 1917.

(a) **Anibal de Carvalho**

Por noticias posteriores, sabemos que em virtude da clara exposição do nosso amigo Anibal de Carvalho, sempre foi ordenado um inquerito á Edelidade de Mossuril, tendo sido nomeado para o realisar o snr. dr. Pedroso de Lima, que a esta hora se deve ter desempenhado da missão.

Anibal de Carvalho foi o primeiro a depôr, confirmando todas as suas acusações e indicando, para serem ouvidas, dezenas de testemunhas conhecedoras das proezas do agaloado José da Cunha, que tambem nos dizem estar cercado duma escandalosissima protecção a vêr se se salva, *com honra*, da camisa de onze varas em que o meteram as suas desmedidas ambições.

Seguindo o curso dos acontecimentos, aguardâmos que o correio nos traga novas noticias sobre este assunto.

MISSA

Sufragando a alma do sub-director da secção masculina do Asilo Escola Distrital, sr. Jeremias Lebre, os empregados e alunos do Asilo mandam celebrar no proximo dia 17 do corrente, pelas 9 horas, uma missa na igreja da Misericordia, indo em seguida ao cemiterio depôr ramos de flôres sobre a sua campa.

Médico

Está aberto concurso para o logar de médico privativo da Associação Aveirense de Socorros Mutuos das Classes Laboriosas, com o ordenado anual de 300$00, a contar de 6 do corrente, por espaço de 30 dias.

As condições acham-se patentes na séde da Associação, desde as 20 ás 21 horas.

Aveiro, 3 de Dezembro de 1918.

O Presidente da Direcção,

Antonio Augusto da Silva

Juizo de Direito da comarca de Aveiro

DIVORCIO

Por sentença de doze de Outubro findo, com transito em julgado, proferida na acção de divorcio que Beatriz Silva moveu contra seu marido Joaquim dos Santos Coutinho, proprietarios, da Povoa do Valado, freguezia de Requeixo, foi decretado o divorcio definitivo entre a autora e o réu, o que se anuncia para os devidos efeitos.

Aveiro, 7 de Dezembro de 1918.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Pereira Zagalo

O escrivão,

Francisco Marques da Silva

Juizo de Direito da Comarca de Aveiro

Arrematação

Por este Juizo e cartorio do escrivão do 4.º oficio—Flamengo—na execução por custas e sêlos que o Ministerio Publico move contra Antonio de Oliveira, o *Ferreiro*, e Manuel dos Santos, o *Pissarra*, de Nariz, vai pela terceira vez á praça, no dia 15 do corrente, por 12 horas, á porta do Tribunal Judicial de esta comarca, sito na Praça da Republica desta cidade, para ser arrematado por quem mais oferecer, o seguinte, penhorado ao executado Antonio de Oliveira, o *Ferreiro*: O direito que o executado tem á metade de uma vinha, com pinhal pelo poente, e todas as suas pertenças e direitos, sita no Fenal, limite da Palhaça.

Todas as despêsas da praça serão por conta do arrematante, e a contribuição de registo por titulo oneroso será paga nos termos da lei.

Pelo presente são citados todos e quaesquer crédores incertos que se julguem interessados na aludida arrematação para virem deduzir os seus direitos, nos termos da lei, sob pena de revelia.

Aveiro, 4 de Dezembro de 1918.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Pereira Zagalo

O escrivão do 4.º oficio,

João Luiz Flamengo